

21.

História e Comunicação: o mestre Virgílio Noya Pinto

Heloiza Helena Matos e Nobre¹
ECA-USP – Escola de Comunicação e Artes
da Universidade de São Paulo

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 1986

Introdução

Este artigo é uma homenagem a Virgílio Noya Pinto, um dos pioneiros da História da Comunicação no Brasil. No quadro do *Ciclo de Conferências: 50 anos*

-
1. Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Realizou estágio pós-doutoral junto ao GRE-SEC (Groupe de Recherche sur les Enjeux de la Communication), Université Stendhal, Grenoble III, em 1995 e 2007. Até 2002 foi docente e pesquisadora na ECA-USP atuando nas áreas de Comunicação Política e Opinião Pública, e até junho de 2010 foi docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero, na linha de pesquisa Processos Midiáticos, Tecnologia e Mercado. Nesta mesma instituição liderou o grupo de pesquisa do CNPq, “Capital Social, Tecnologia e Processos Políticos”. A partir de 2010 retorna à ECA-USP, onde integra o PPGCOM como docente e pesquisadora sênior, na linha de pesquisa “Políticas e Estratégias de Comunicação”, com bolsa por produtividade pelo CNPq. E-mail: heloizamatos@gmail.com

das Ciências da Comunicação no Brasil – a contribuição de São Paulo, venho dar um depoimento pessoal de quem teve o privilégio de conhecer e trabalhar com o Prof. Virgílio por mais de uma década.

O texto está dividido em duas partes: na primeira, evoco brevemente a trajetória profissional e teórica do Virgílio pesquisador; na segunda, me permito voltar a ser sua aluna, lembrando do Virgílio professor e humano. Em ambos os casos, deixei que a memória conduzisse o discurso – quem sabe fundindo a história com estórias, nessa regressão que é, acima de tudo, uma viagem emocional e uma oportunidade de homenagear esse gigante simples e tão próximo.

Historiador na comunicação

A construção de um campo de conhecimento envolve vários elementos. A formação teórica dos seus pesquisadores, a época na qual se considera seu surgimento e evolução, ou os recortes de tempo nos quais podemos observar os paradigmas que sedimentam os seus moldes constituintes.

No Brasil, um dos pesquisadores e intelectuais que colaboraram para a História das Comunicações como área acadêmica foi o Prof. Virgílio Noya Pinto: originário da FFLCH e integrado à ECA no campo da História das Comunicações, terá seu perfil abordado neste texto – uma homenagem a este emérito professor pela participação na construção do campo da comunicação no Brasil.

Enumerar a produção acadêmica de Noya Pinto é, também, testemunhar a evolução do conhecimento entre docente e discente, quando, por exemplo, o pesquisador introduziu os autores da Escola dos Annales (que viria influenciar a toda uma geração formada na ECA), a partir do estudo da história da comunicação numa perspectiva ampla – incluindo a economia, arqueologia, geografia e o desenvolvimento das técnicas e da ciência.

O ponto de partida para entender a importância do emérito professor, é a fala da professora Dra. Antônia Fernanda Pacca de Almeida Wright, ao abrir a sessão de uma reunião do Conselho Universitário da USP, em 1989, onde o professor Virgílio pronunciou uma Aula Magna sobre tema “O século XX: uma análise precoce” (1989).

Na abertura do evento, a professora Wright lembrou alguns episódios dos anos 1957-58, quando Virgílio foi seu aluno no curso noturno do “Maria Antonia”: “aquele jovem que se apresentaria, antes e depois de aprovado, inva-

riavelmente em traje passeio para assistir minhas aulas, com gravata e tudo”; ressaltando, também, “o sorriso fácil, o olhar iluminado, daqueles que acreditam no que fazem e se entregam às suas pesquisas universitárias com uma espécie de prazer indescritível, só experimentado por alguns”. (Idem, p. 5).

Estas observações apontam as características pessoais marcantes do prof. Virgílio: formalidade no vestir e no trato, e alegria na convivência com os colegas, orientandos, funcionários e alunos.

A Profa. Pacca prossegue seu relato sobre o reconhecimento acadêmico do docente, referindo à concessão de uma bolsa de estudos para a *École Pratique des Hautes Études*, no *College de France*, sob a orientação de Fernand Braudel – fato fundamental para a consolidação da carreira universitária do professor Virgílio, mesmo antes da sua vinda para a USP.

Nesta mesma Aula Magna, o prof. Virgílio faz uma revisão dos conceitos de Lebre e Braudel (da Escola dos *Annales*), para enfrentar, segundo pensava, o desafio de fazer história. Ao indagar quando começou o século XX, expôs todo seu conhecimento histórico ao evidenciar as relações entre os acontecimentos dos tempos passados e as marcas de início e fim de cada período.

Entre os exemplos citados, reafirma a erudição demonstrada pelo expositor para articular os tempos culturais, econômicos e políticos que propiciaram a evolução das comunicações. Na análise da ascensão da burguesia e do proletariado nos séculos XIX e XX, o professor lembra da peça teatral “o Burguês Fidalgo”, onde Molière olha com desprezo essa classe, criticando essa “ralé despretensiosa”, cuja estética lhe era abominável.

Lembra também que no século XIII, essa mesma classe burguesa fundou universidades como forma de monopolizar o conhecimento; e prossegue, referindo-se ao proletariado: “ao vender sua força de trabalho, sofreu as agruras da marginalidade e somente o poder da greve começou a rasgar-lhe novas perspectivas. Seu trabalho foi a via encontrada pela burguesia para conseguir seus objetivos, o não trabalho, pela greve, foi a via encontrada pelo proletariado para encontrar seus desígnios e firmar seus direitos.” (Ibidem, p. 11).

Incorporando os ensinamentos dos prof. Virgílio na produção da minha tese de doutorado, defendida no mesmo ano em que aconteceu a Aula Magna, avanço no tempo e espaço para analisar a propaganda política e a censura na ditadura militar (MATOS, 1989).

O marco da consolidação dos conhecimentos históricos do professor com a comunicação se deram, inicialmente, com a sua participação na criação da Escola de Comunicação, em junho de 1966, pelo decreto 46.419 de 15 de Junho.

Com a implantação do novo currículo, em 1970, e a defesa do doutorado em 1972, assumiu a disciplina História da Cultura, consolidando assim sua posição na área da comunicação.

Em 1981, Virgílio parte para Osaka como professor visitante do Instituto de Estudos Estrangeiros. Em seu retorno em 1983, fez sua livre docência e, cinco anos mais tarde, alcança o ápice de sua carreira, como professor Titular da ECA.

Seus livros começaram a ser publicados pela Editora Nacional: inicialmente com enfoque na História do Brasil (2 volumes) e História das Civilizações; na sequência, surge uma obra dedicada aos dois pilares da sua formação, complementares à História – a Comunicação e a Cultura Brasileira (Ed. Ática, 1983).

Em artigo publicado nos Estudos Avançados (1994), o prof. Virgílio menciona os fatos que envolveram a criação da Escola que viria a ser a ECA, nomeada com o enfoque da “comunicação e cultura”, em 1967, e depois, em 1969, como “comunicação e artes”.

Neste ponto, relembra o golpe militar de 1964, a publicação do Ato Institucional n. 5 (que provocou a eclosão da crise estudantil de 1968 e os atos de violência crescente), bem como a reforma universitária de 2009 – fatos que afetaram a sociedade, a política e as Universidades, fazendo emergir uma geração atuante que recusava a instauração de um estado de exceção no Brasil.

No mesmo artigo destaca a articulação entre a criação da Escola de Comunicação e Artes e a “conjuntura histórica na qual, as novas tecnologias e novos pensares transformaram o setor em posição estratégica e também com uma profunda repercussão social.” (1994, p. 1). Refere-se, então, à criação da Embratel em 1965, do Ministério das Comunicações em 1967, da Embrafilme em 1969, e da Telebrás em 1972, como indicadores de mudanças profundas nos setor socioeconômico brasileiro; e do impacto das novas tecnologias no comportamento social e cultural do país.

Sobre este ponto o prof. Virgílio alerta sobre as transformações no campo do conhecimento, representando um desafio no final de século XX: o de “preparar profissionais capazes de intermediar os desafios, não somente na sua área de atuação, mas com capacidade de interagir perante o cenário de perspectivas de mudanças e de inovações que prenunciam o século XXI” (1994, p. 3).

Também não posso deixar de mencionar o artigo do Prof. Virgílio publicado em meu primeiro livro, em 1994, já como docente na USP: “Mídia, eleições e democracia”. Nele, o professor abre a coletânea com um artigo seminal em história da comunicação: “Das estradas persas às rodovias e informação”.

Em seu artigo o Prof. Virgílio observa como as técnicas se transformaram, mas não os objetivos; e distingue certas permanências no processo histórico,

como as relações entre poder, política e comunicação, e seu domínio no espaço geopolítico (estratégias de cooptação). Aqui, ele cita o império persa (579-546 A.C.) como exemplo de despotismo oriental, e a criação de uma estrutura de circulação rápida entre as províncias, e o uso de mensageiros imbricando poder e comunicação.

No decorrer do artigo, o Prof. Virgílio analisa a história da comunicação e da democracia na Grécia, descrevendo os mecanismos do processo eleitoral – incluindo o ostracismo (equivalente ao atual impeachment). Com o declínio da Grécia Clássica, a herança oriental submete a experiência democrática e os monarcas helenísticos tornam-se déspotas.

Em Roma, a herança oriental deu primazia à vida econômica, política e cultural, através dos meios de comunicação, desenvolvendo estradas, postos de serviços e albergues (pousadas). Também em Roma, os grandes espetáculos, incluindo em sua programação divertimentos, às vezes sangrentos e grotescos, especialmente durante a perseguição dos cristãos.

Na sequência de sua análise, o Prof. Virgílio percorre o renascimento urbano e a criação das universidades, nos sécs. XI e XII, o rompimento do sistema feudal, e a organização do Estado Moderno. Relata o fortalecimento da burguesia e a concentração do poder monárquico, em direção ao absolutismo.

A partir do séc. XVI, na França, o artigo aborda o cenário do reinado de Luiz XIV, marcado pelo luxo, etiqueta e espetáculo, réplica moderna e ocidental do despotismo oriental. O mito do Rei Sol era usado como estratégia do direito divino dos reis.

E relata, igualmente, momentos da Revolução de 1789, a Constituição de 1791, o percurso da monarquia constitucional, e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão – princípios que foram difundidos na Europa depois das revoluções de 1830 e 1848.

Finalizando seu percurso histórico da comunicação, aponta a instituição do sufrágio universal e o voto feminino em 1917, na Rússia, em 1920, nos EUA, e em 1928, na Inglaterra. No Brasil, o voto feminino institui-se apenas em 1933, e é incluído na Constituição de 1934.

E conclui, afirmando que neste ponto, o círculo se fecha: as estradas persas (instrumentos de poder dos imperadores) passam a equivaler, na comparação dos tempos, às vias de fibras ópticas, às rodovias de informação (hoje vistas como instrumentos de poder de entidades transnacionais).

E completa: “em escala geométrica, as novas tecnologias estão transformando a ética das sociedades nos últimos anos do séc. XX”. E, neste ponto, “a mídia e o marketing tornam-se veículos e instrumentos de poder” (MATOS, 1994, p. 11).

Aqui também se consolida a simbiose que busquei desde o meu primeiro contato com o prof. Virgílio Noya Pinto, quando o procurei pela primeira vez, em 1974: articular as ciências da história, cultura e comunicação política, um caminho que se abriu para a pesquisa e docência, e na qual permaneço até os dias atuais.

Aposentada, voluntária, buscando devolver à USP por tudo que aprendi, e formando a geração de novos pesquisadores com quem convivo no CRP da ECA, meu berço, onde continuo embalando o conhecimento e a pesquisa científica – exatamente tal qual fez o Prof. Virgílio.

Ao mestre com carinho²

Lembro da primeira vez que o encontrei o prof. Virgílio, em sua sala na ECA. Era 1974, e eu era professora de graduação da faculdade que, hoje, se chama UNICEUB, em Brasília. Eu disse: “Professor, eu vou participar do processo seletivo e quero o Sr. como meu orientador”. Ao que ele disse: “O que pretende pesquisar?”. Respondi: “Quero pesquisar o processo comunicativo relacionado à construção de Brasília, que levou milhares de trabalhadores e profissionais para o centro do país, onde havia, até então, apenas meio habitante por km²”. Ele: “Mas Brasília ainda existe? Esta capital construída com o capital financeiro de São Paulo, ainda existe?”.

Meio desconcertada, eu rebati: “Tanto existe que vivi lá por mais de 7 anos! E vim aqui para buscar entender o resultado desse contato entre duas categorias de imigrantes: de uma lado, os operários que se deslocaram para trabalhar na construção civil (não incluídos nos projetos dos arquitetos e urbanistas, portanto deixados sem espaço de moradia); e de outro lado, os funcionários públicos que, ao contrário dos candangos, não optaram pela mudança, foram transferidos, e que, a despeito da oferta de apartamentos funcionais, transporte facilitado e salário dobrado, não queriam deixar o Rio de Janeiro.” E finalizei: “Eu preciso de um historiador para entender esse processo e sua interface com a comunicação”.

2. Nesta sessão, toda citação ao que disse o Prof. Noya Pinto estará baseada em apontamentos de aulas da autora, bem como sua memória.

Fui aceita no processo seletivo da pós-graduação, e tive a oportunidade e a sorte de ter o Prof. Virgílio como orientador durante 12 anos! É preciso dizer que, nesta época, a formação científica era mais longa.

Quero igualmente relatar a experiência de ter sido aluna do professor Virgílio. Em 1987, já no doutorado, encontrei em um dos cadernos de anotações sobre as aulas da disciplina “Obra de arte como documento histórico”, ideias e conceitos precisos. Com o Prof. Virgílio tivemos a oportunidade de ler os autores franceses dos séculos XVII, XVIII, XIX: Molière, Racine, Richilieu, Voltaire, Montesquieu, e autores que abordavam o nascimento da personagem “proletariado” na literatura.

A oportunidade de ler “Madame Bovary” de Flaubert, nos mostrou uma outra face da mulher, em contraste com a de “Cândido, ou o Otimista”, de Voltaire. Naquele momento pudemos conhecer o lado sensível do Prof. Virgílio, quando nos mostrava obras de arte com as diversas representações do feminismo.

Em uma de suas aulas, nos chamou a atenção para as mulheres daquela época: Madame Récamier, Pauline Borghese (irmã de Napoleão Bonaparte), e Emma Hart. Além disso, nos mostrou a moda do século XIX, observando a semelhança entre as roupas femininas e o panejamento das estátuas gregas.

Ainda sobre o século XIX, chamava a atenção dos alunos para outras características relacionadas às mulheres dos colégios de ordem religiosa, voltados para uma educação e formação de mulheres padronizadas, devotadas ao lar, à procriação, e ao prazer de ser anfitriã, ou seja, uma visão aristocrática da mulher.

Enquanto isso, a mulher operária passava pelos mesmos problemas das crianças: deveriam ser colocadas a serviço da indústria? Passariam a ser submetidas à pressão de baixos salários para manter as margens de lucros?

Em Bovary, Flaubert mostra a circulação das revistas da época. Paris não aparece, mas é de lá que vem o modelo do bem viver, a moda, a decoração e o luxo. Flaubert mostra o fim do romantismo e o novo padrão do capitalismo no século XIX; onde quem não entra no jogo, perde.

Noya Pinto considerava ainda que “os períodos históricos têm mostrado que o homem vai refazendo sua própria maneira de olhar-se”. Nesse sentido, o autor dá à obra de arte um sentido amplo e contemporâneo, considerando-a parte integrante da constituição do ser humano como sujeito coletivo, e faz da observação científica da obra de arte, em toda sua magnitude, uma ferramenta para entender o presente.

Além da literatura, as artes plásticas, a fotografia, o cinema e toda a produção artística como elemento constitutivo da historiografia e dos olhares da sociedade sobre si mesma.

Ao descrever a importância da Escola dos Annales para a abordagem histórica dos objetos científicos da comunicação, o Prof. Virgílio também criticava o modo positivista de pesquisar, que se assemelhava, segundo suas palavras, “a velhas avós que tecem” na busca pelo conhecimento do passado.

Lembrava a obra de Rabelais (séc. XVI) que, mesmo sendo ateu, reconhecia a importância do sino da igreja a anunciar “o nascimento e a morte, o início e o fim do tempo do trabalho”. De Rabelais também soubemos de sua biografia de Lutero, de quem a igreja ressentia e divergia.

Em relação a Fernand Braudel, Prof. Virgílio dizia que a “história se faz com documentos, quando eles existem. Palavras, signos, paisagens, exame de pedras, em que a casa e objetos são construídos; com tudo aquilo com que o homem se exprime”. Para ele, “o homem faz com o passado aquilo que tem necessidade. Cada geração faz sua história”.

Ainda citando Braudel, pregava que, para fazer história, é preciso virar as costas ao passado; é preciso, sobretudo, viver. E acrescentava: “a história deve servir ao presente”.

Esse olhar do Prof. Virgílio sobre o passado é o mesmo do deste Ciclo de Conferências: ao reverenciar os cientistas que ajudaram a construir a nossa ciência da comunicação, este passado reconstrói e serve ao presente, aos nossos alunos, orientandos e pesquisadores, que esperam, de nós, o badalar dos sinos que nos conduzirão a todos. Aqui e agora.

Minha homenagem ao Prof. Virgílio Noya Pinto é, de certa forma, uma regressão Proustiana, a transportar aos que nos assistem e leem, levando a todos para uma sala de aula (quero crer) atemporal. Minha intenção é evocar uma aula do Prof. Virgílio, como se ele estivesse revivendo através de mim, e de todos seus orientandos e alunos. Não é este o sentido de ensinar? Sou prova de que o aluno carrega sempre os ensinamentos de seus professores.

Referências

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Editorial Presença, Lisboa, 1982.

LEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Editorial Presença, Lisboa, 1977.

MATOS, Heloiza. **Modos de olhar o discurso autoritário no Brasil (1969-1974)**. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.

WRIGHT, Antônia Fernanda Pacca de Almeida. **Palavras Introdutórias**. Aula Magna proferida no conselho Universitário da USP, 6/3/1989.

PINTO, Virgílio Noya. **História do Brasil** (2 vol.) e **História das Civilizações** (1 vol.) Editora Nacional, São Paulo, 1981.

_____. **Cultura e Comunicação Século XX**: uma análise precoce. Tese de Livre-docência em História da Cultura e da Comunicação. Apresentada ao Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, São Paulo, 1983.

_____. **Comunicação e Cultura Brasileira**. Ed. Ática, São Paulo, 1986.

_____. **Aula Magna**, Conselho Universitário da USP, 6/3/1989.

_____. Das Estradas Persas às Rodovias de Informação. In: MATOS, Heloiza (Org). **Mídia, Eleições e Democracia**. Scritta, 1994.

_____. Escola de Comunicações e Artes. **Estudos Avançados**, vol 8, n. 22, SP, set. Dez. de 1994.

_____. **Em busca de uma metodologia para análise do fenômeno da globalização**. Conferência apresentada no III Colóquio França Brasil de Pesquisadores em Comunicação. Aracajú, Brasil, 1996.

_____. História e imagem e metamorfoses. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (10): 15 a 23, set/dez, 1997.

VOLTAIRE. **Cândido, ou o Otimista**. São Paulo, Abril Cultural, 1972.